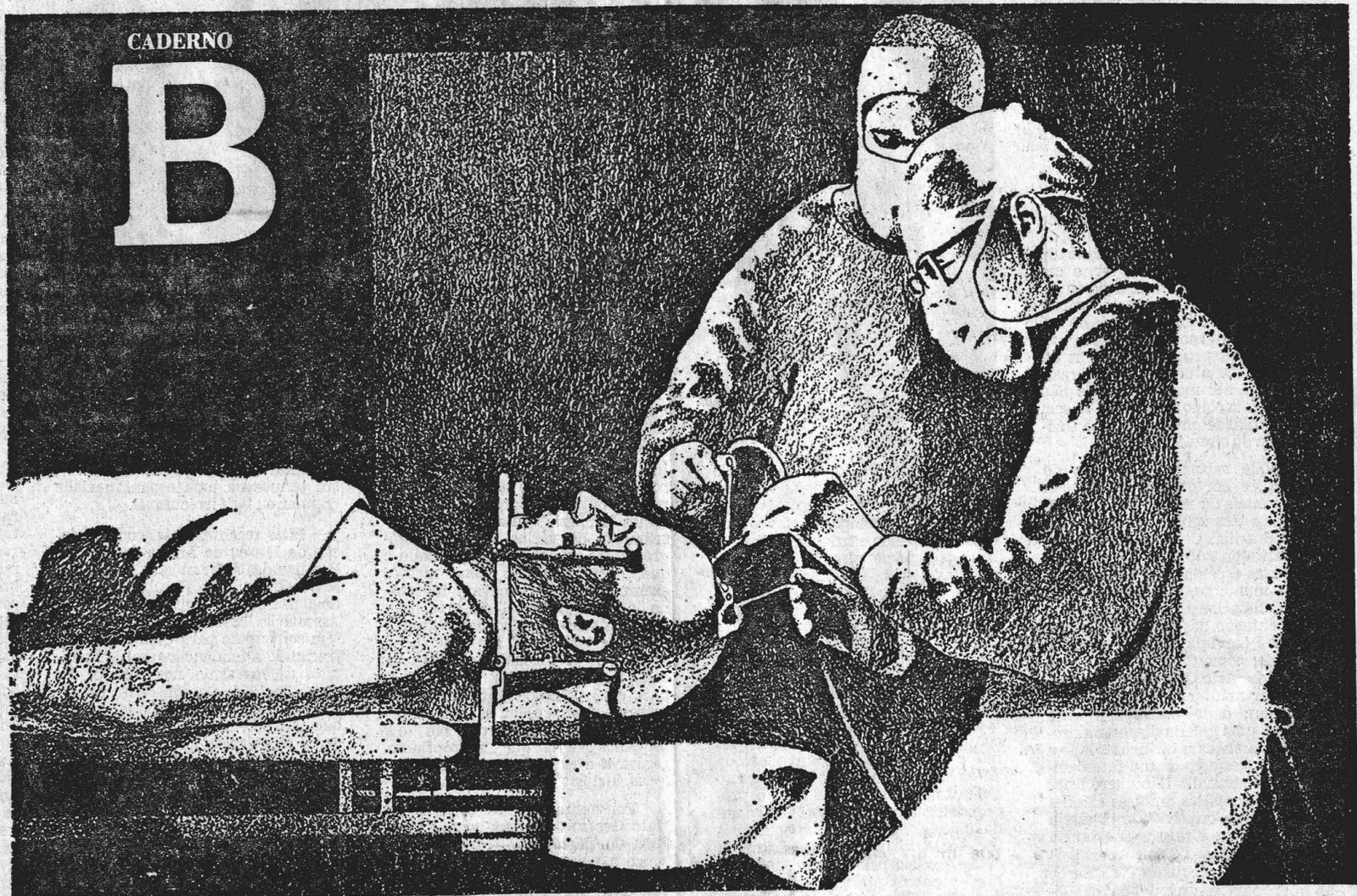


A Medicina está em crise

Há uma crise em escala mundial que está afetando a saúde de milhões de pessoas. A qualidade dos serviços médicos tem decaído a níveis intoleráveis em países com tradição de altos padrões de atendimento. Nos Estados Unidos as companhias de seguros estão alarmadas com o aumento de imprudências do pessoal médico, o que tem feito com que os segurados recorram cada vez mais aos prêmios. Em consequência há também um aumento no valor dos seguros. Na Itália, a crise é generalizada, com uma redução do número de leitos disponíveis, com

hospitais semiparalisados pela falta de material básico (medicamentos, seringas, esparadrapos) e pelas constantes greves de seu pessoal. Na França, instituições da maior respeitabilidade, como o Instituto Pasteur, sobrevivem à deficits crônicos, enquanto na Inglaterra todo o sistema de medicina social está comprometido pela carência de verbas. No Brasil, o INPS, está procurando ajustar o atendimento hospitalar a padrões considerados satisfatórios pela Organização Mundial de Saúde.



Os médicos podem curá-la

B Sofrendo de uma doença epidêmica, próximo de um colapso nervoso e a ponto de uma paralisação, a Medicina vive no mundo ocidental um momento especialmente difícil. As dificuldades se iniciam com a formação de pessoal especializado, um investimento cada vez mais dispendioso e de resultados imprevisíveis. O caráter social da Medicina moderna ainda não foi absorvido tanto por pacientes quanto por médicos, enfermeiros e diretores de instituições hospitalares, o que provoca um descompasso entre o atendimento e a qualidade técnica dos médicos. O número de óbitos por negligência médica cresceu na mesma proporção, nos Estados Unidos, dos casos que ficaram sem atendimento por "excesso de utilização dos hospitais".

O INPS brasileiro anunciou na última semana um programa de ação que prevê a aplicação de Cr\$ 1 bilhão no financiamento de instalações e equipamentos médico-hospitalares, com prioridade para os hospitais universitários, que desta forma, poderão colocar à disposição do Instituto 10 mil leitos em todo o país. Esta providência procura ampliar o número de vagas nos hospitais, um dos mais graves problemas médicos do Brasil. De certa forma com variantes nacionais, o problema é internacional. Na Itália, por exemplo, o Hospital San Marino que atende à população de Gênova não pode ocupar os seus 10 mil leitos (já insuficientes) porque não tem como pagar os seus funcionários.

Falta de tudo, afirma uma enfermeira que não recebe há três meses: móveis, medicamentos, provisões, aquecimento, o que nos obriga a fazer uma greve branca, permanente, com a qual esperamos chamar atenção das autoridades.

O fato é que quase nada tem sido feito para resolver o problema, que se generaliza por toda a Itália. Em Trieste, o maior hospital da cidade luta contra a burocracia para conseguir uma simples válvula cardíaca, já que as firmas especializadas se recusam a fornecer "para esta instituição que nunca cumpre seus compromissos financeiros".

Com falta de recursos e com o pessoal mal pago, o nível de atendimento baixa. Há casos de pacientes que tiveram de retornar aos hospitais por terem sido esquecidos pedaços de gaze em seus estômagos, por lhe terem ministrado medicamentos inadequados e por incompetência profissional de médicos e enfermeiros. Tudo isto apesar de os investimentos italianos no setor médico estarem se intensificando: em 1974 foram investidos 2 bilhões 364 milhões de liras, quatro vezes a quantia aplicada em 1968.

Até mesmo instituições ligadas apenas à pesquisa sofrem com a queda da qualidade dos hospitais. O Instituto Pasteur, de Paris — fundado em 1888 — apresentava em 1973 um déficit de 2 milhões de dólares, o que provoca um mau funcionamento do hospital de 400 leitos que mantém na Capital francesa. Na Inglaterra, o Britain National Health sofre críticas diárias da imprensa "por não cumprir com suas obrigações junto aos pacientes." O *Herald Tribune* publicou em novembro passado o depoimento de Jane Murphy, uma grávida que teve um atendimento tão desastroso por parte da equipe médica do hospital em que foi atendida, que a criança acabou por morrer no parto e ela ficou impossibilitada de gerar outros filhos.

Pacientes inseguros

Nos Estados Unidos, onde há seguro de saúde, os casos de pacientes que procuram as companhias afim de obter reparação de erros médicos, criaram uma situação que está sendo definida como calamitosa. O presidente da Sociedade Médica do Estado de Nova Iorque, Dr Ralph S. Emerson, explica que "esta é a maior crise de saúde que jamais aconteceu no mundo, especialmente nos Estados Unidos." As companhias de seguro chegam a pagar prêmios de 45 mil dólares a pacientes que "foram literalmente assassinados por serviços médicos inescrupulosos." Os médicos norte-americanos, para se prevenirem contra "os ataques nem sempre justos dos pacientes", fazem de seu lado, um seguro contra eventuais erros que

possam cometer. Em um ano — e somente no Estado de Nova Iorque — houve um aumento de 200% dos seguros médicos. "É verdade — diz Warren P. Cooper, vice-presidente de uma companhia de seguro — que existem graves problemas no setor médico. Não há como escondê-los." A mesma opinião é compartilhada por Marie M. Lambert, da Associação de Advogados do Estado de Nova Iorque. Ela afirma: "As pessoas que detêm altas posições no setor médico estão tentando criar uma crise que encubra os padrões precários dos serviços hospitalares."

As companhias de seguro, apesar do aumento do número de apólices vendidas, estão assustadas com os critérios indefinidos para avaliar as formas de pagá-las. Os tribunais de julgamento são formados em sua maioria por advogados e não por médicos especialistas, o que provoca a reclamação da classe médica. "Os advogados não estão em condições — diz um dos médicos acusados de negligência no tratamento de pacientes — de julgar questões puramente técnicas. Quando condenam um médico, o fazem em nome de critérios que desconhecem completamente. Nós também queremos falar e sermos ouvidos."

Alguns médicos norte-americanos, mais sinceros, não escondem o seu medo de fazer operações de maior complexidade, porque se algo não for bem, o paciente (ou sua família) pode investir contra ele, "comprometendo a nossa reputação e credibilidade."

E é justamente a credibilidade nos serviços médicos que sofre uma vigilante atenção da opinião pública. De acordo com a Sociedade Médica do Estado de Nova Iorque, houve apenas 891 casos de mau atendimento médico em 1964, no Estado. Nove anos depois este número aumentou para 2072. Na Califórnia, as companhias de seguro tiveram que pagar prêmios superiores a um milhão de dólares, somente em 1974, contra hospitais e médicos como reparação por serviços precários.

Os advogados citam estes números para provar que os serviços médicos nos Estados Unidos enfren-

tam, realmente, uma crise estrutural. A luta entre as companhias de seguro e os médicos parece se acirrar com os casos de práticas incorretas. Os médicos estão irritados com o que chamam de "uma verdadeira campanha para desmoralizar a classe e roubar a confiança dos pacientes." O Dr Tom H. Swain, do St. Paul Hospital, confessa se sentir chocado com esta campanha desmoralizadora. "Há uma unanimidade na opinião pública, que vê os médicos como profissionais que exercem sistematicamente mal a sua atividade. Está surgindo a síndrome de Marc Welby. Os filmes de televisão e as revistas populares têm dramatizado de tal maneira o valor dos remédios e as novas técnicas médicas, que parece ao público que todas as doenças são curáveis. E quando isto não acontece, a culpa é atribuída única e exclusivamente ao médico."

Nos Estados Unidos, os especialistas mais visados pela opinião pública são os cirurgiões em ortopedia, os neurocirurgiões, os plásticos e os anestesistas. Em relação a estes últimos, John Paul Richmond, de San Francisco, tem sérias queixas. Quando foi operado de úlcera, recebeu uma dose excessiva de anestesia. Teria morrido caso um médico mais experiente não tivesse aplicado um tratamento de emergência.

O preço cobrado pelo "engano" do anestesista foi de 24 mil dólares, que custaram a ser pagos, mas que John Paul recebeu integralmente, depois de uma luta nos tribunais. Karl J. Bergson, médico de um hospital de Nova Jérsei, justifica "o erro" do anestesista com uma argumentação simplista. "O paciente sofreu com um engano, que infelizmente pode acontecer em qualquer categoria profissional. Neste caso, a indenização tão alta não me parece justa, afinal a vida do paciente foi salva. Quando arbitram quantias desta ordem por erros técnicos, que deveriam ficar circunscritos aos hospitais, a impressão que tenho é de que há um **complot** contra os médicos, uma classe por todas as razões digna de nosso respeito."